



INTERPRETAÇÕES PÓS-FUNCIONALISTAS DO ESPAÇO NA PÓS-graduação EM GEOGRAFIA: contribuições para uma Geografia Humana integrada

POST-FUNCTIONAL INTERPRETATIONS OF SPACE IN POSTGRADUATION IN GEOGRAPHY: contributions to integrated Human Geography

Julian Islan Martins Rodrigues – UFAM – Manaus – Amazonas – Brasil
julian.mr13@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho busca repensar as bases epistêmicas da Geografia humana como produção de sentido/saber docente, a partir da experiência de formação continuada, apresenta como possibilidade uma Geografia humana integrada, construída numa visão conjunta material-fenomênica de seu objeto de análise, o espaço. Fundamentamos nossa discussão, além de revisão bibliográfica, nos relatos das contribuições de professores do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), contribuições postas em duas respectivas aulas, no âmbito da disciplina “Epistemologia da Geografia” do curso de Mestrado, no ano de 2018, caracterizando esta pesquisa como bibliográfica e narrativa/qualitativa ao apresentar histórias de vida. Os referidos professores são a Dra. Amélia Nogueira, que contribuiu com uma aula expositiva sobre fenomenologia na Geografia e o Dr. José Aldemir [*in memoriam*], que expôs a teoria triádica do espaço de Henri Lefebvre. Nos possibilitando interpretar uma Geografia humana integrada como saber docente, em detrimento da tradicional cisão da Geografia, tão comum nos Programas de Pós-graduação a nível de Mestrado e Doutorado. A divisão clássica entre Geografia física e humana, também está em processo na própria Geografia humana, com o florescer da Geografia humanística e/ou cultural. Almeja-se, para tanto, a partir dos relatos de experiências/saberes, superar esse vício em fragmentar a Geografia, destacando a importância da compreensão do espaço em totalidade, um todo complexo, colaborando para uma formação de professores-pesquisadores de Geografia em totalidade, visto que o conhecimento geográfico deve ser construído sob o princípio da complexidade.

Palavras-chave: Pós-graduação; Geografia Humana; Espaço.

ABSTRACT

The present work seeks to rethink the epistemic bases of human geography as a production of meaning/teacher knowledge, from the experience of continuing education, presents as a possibility an integrated human geography, built on a joint material-phenomenic view of its object of analysis, the space. We base our discussion, in addition to a bibliographic review, on reports of contributions from professors from the Graduate Program in Geography at the Federal University of Amazonas (UFAM), contributions made in two respective lessons, within the scope of the course "Epistemology of Geography" of the course in 2018, characterizing this research as bibliographical and narrative/qualitative in presenting life stories. These professors are Dr. Amélia Nogueira, who contributed with an expository class on phenomenology in Geography, and Dr. José Aldemir [*in memoriam*], who presented Henri Lefebvre triadic theory of space. Enabling us to interpret an integrated human

geography as teaching knowledge, to the detriment of the traditional split of geography, so common in Postgraduate Programs at Masters and Doctoral level. The classical division between physical and human geography is also in process in human geography itself, with the flourishing of humanistic geography and / or cultural. The aim is, based on the reports of experiences/knowledge, to overcome this vice in fragmenting Geography, highlighting the importance of understanding space in totality, a complex whole, contributing to the formation of Geography professors-researchers in totality, since geographic knowledge must be built on the principle of complexity.

Keywords: Postgraduation; Human Geography; Space.

INTRODUÇÃO

A discussão proposta neste breve artigo resulta de uma inquietação com a tradicional “divisão” da Geografia, principalmente quando nos reportamos aos Programas de Pós-graduação em Geografia, que tradicionalmente oferecem em seus processos seletivos de Mestrado e Doutorado, duas linhas de pesquisa, uma foca nas humanidades e a outra, nos aspectos físicos da paisagem. No Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), no qual o autor deste trabalho é mestrando, não é diferente. Essa divisão acontece no processo de evolução do pensamento geográfico, desde as escolas clássicas naturalistas (a escola alemã tão característica a Ratzel e a escola francesa, tão característica a La Blache) até a chamada Geografia marginal, a Geografia humana crítica, de grande influência do materialismo-dialético (MOREIRA, 2006).

Todavia, diante dessa evolução epistemológica da ciência Geográfica, percebemos também que está em avanço uma espécie de cisão na própria Geografia humana crítica, que além da influência marxiana-marxista, vemos também adentrar a influência da fenomenologia, tão característica de Merleau-Ponty (1999). O brasileiro Milton Santos, no contexto da evolução do pensamento geográfico, contribuiu para uma Geografia humana crítica a partir de uma crítica à própria Geografia, visto que para o autor era necessário pensar a Geografia humana a partir de seu objeto de análise – o espaço, espaço geográfico, espaço humano – para assim refletir as contradições das relações sociais de produção no terceiro mundo (SANTOS, 1990). A sociedade deve ser

então, a preocupação do saber humano, a sociedade total, que reflete suas diferenciações sobre o espaço (SANTOS, 1990).

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se fez de forma idêntica em todos os lugares (SANTOS, 1990, p. 122).

O espaço, por excelência, é o objeto de estudo da “Geografia nova”, esta que busca entender os significados que as sociedades dão ao espaço no momento que estas se apropriam deste (historicamente) de forma diferenciada (dialética), no que diz respeito ao desenvolvimento do capitalismo, enfatizando os reflexos malévolos desse sistema para com a sociedade. Espaço é, portanto, um produto social – espaço geográfico (SANTOS, 1990). Entretanto, essa “Geografia nova”, entendida a partir do espaço geográfico fora interpretada como funcional, pois apenas se direcionava a explicar as funcionalidades espaciais a partir dos sistemas de objetos e ações, ignorando as percepções do vivido. Para tanto, uma Geografia humanística se encaminhava a partir de 1950, no almejo de analisar os conhecimentos de mundo a partir do imaginário, uma espécie de interdisciplinaridade entre a Geografia e a Psicanálise (CLAVAL, 2004).

Nesse contexto, vemos se materializar nos Programas de Pós-graduação em Geografia essa nova dualidade, a própria Geografia humana se vê dividida nos processos epistemológicos de pesquisa, como também na formação docente – o ensino. De um lado, há pesquisadores com enfoque funcionalista e de outro, fenomenológico. Isto é, vemos pesquisas elaboradas com enfoque funcional, principalmente pesquisas/práticas docentes voltadas à Geografia urbana e vemos uma Geografia fenomenológica em outras pesquisas/práticas docentes, que enfocam no vivido, nas percepções de mundo, nos simbolismos. São apresentadas como propostas teórico/metodológicas específicas, como se ambas não interagissem ou não se complementassem. Schmid (2012) ao nos apresentar a tríade de Henri Lefebvre que busca compreender o espaço das ações humanas, nos possibilita pensar uma Geografia humana integrada, a qual é composta

por teorias de um espaço funcional, como também de um espaço idealizado, espaço de fenômenos, sentidos, simbolismos. Integrando o material ao idealismo presente na obra de Eric Dardel (2011), por exemplo.

Para tanto, objetivamos nesse artigo, pensar uma Geografia humana integrada na Pós-graduação em Geografia como sentido/saber docente construído a partir da experiência de formação continuada, que incide em repensar também essa formação de professores de Geografia para uma formação complexa, para a dinamização dessa Geografia humana integrada, interpretando o objeto da ciência geográfica, o espaço, de forma material-fenômeno conjunta. Utilizamos além da revisão bibliográfica, as contribuições de dois professores do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFAM, para tal feito, contribuições dos professores doutores Amélia Regina Nogueira e José Aldemir de Oliveira [*in memoriam*]. As aulas ministradas por ambos se deram no âmbito da disciplina “Epistemologia da Geografia”, do curso de Mestrado, no ano de 2018. Essas respectivas aulas, presenciadas e aqui relatadas pelo autor da pesquisa, tornaram possível pensar uma Geografia humana integrada, como veremos ademais.

METODOLOGIA

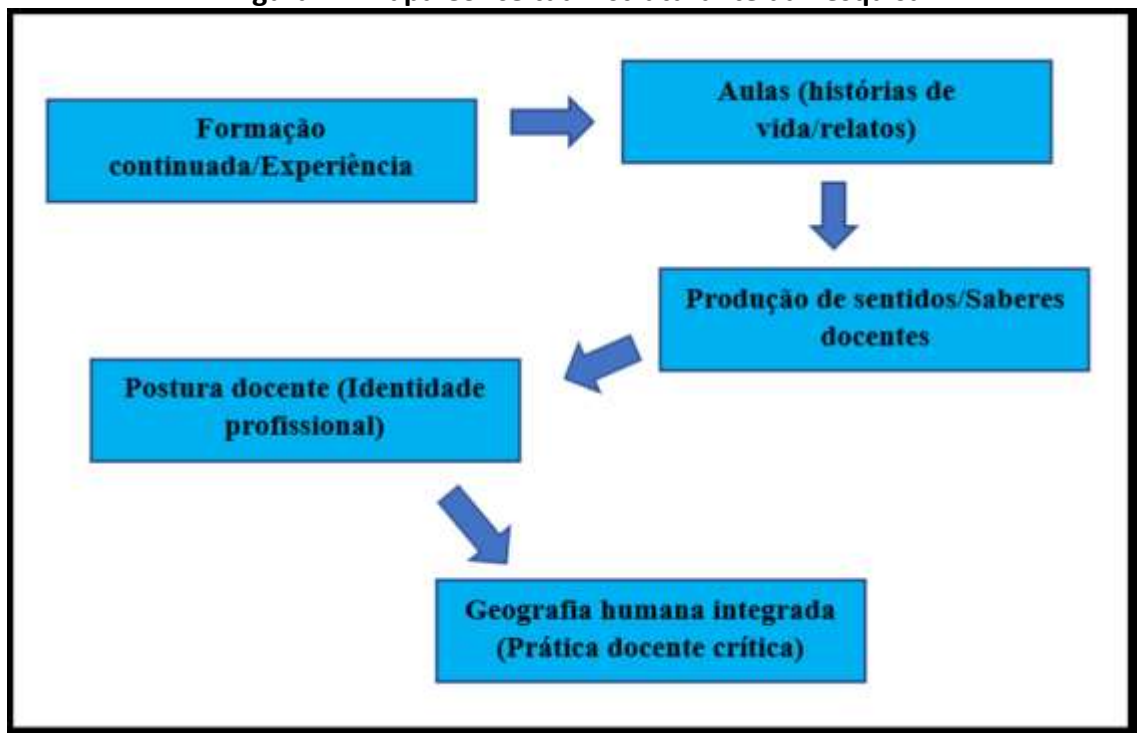
Essa pesquisa é bibliográfica (revisão teórica a partir de livros e artigos) e narrativa/qualitativa – quando narramos aqui as aulas, as experiências de aprendizagem, isto é, fatos vivenciados da realidade social (MINAYO, 2018). A narração/relatos das aulas aqui apresentadas são histórias de vida, o vivenciado pelo autor deste trabalho no âmbito de sua formação continuada em Geografia. Segundo Lima (2011), as histórias de vida são feitas para serem lidas, contadas, ouvidas e recontadas. São fatos narrados a partir da memória, das experiências que impactaram de alguma forma o sujeito e geraram aprendizados. A história de vida na formação continuada é uma metodologia que influencia o docente a refletir sua própria prática docente, a pesquisar a si mesmo. Nesse contexto, as histórias de vida aqui contadas são aprendizados da formação continuada expostas como objetivo de estudo.

Para Cabral e Bastos (2019), a formação continuada é um processo dinâmico, é o meio pelo qual o professor adequa sua prática docente ao longo do tempo, formando

sua identidade profissional, adequando sua formação às necessidades de sua prática docente. Nesse sentido, que a proposta dessa pesquisa parte da experiência da formação continuada, que influenciou o olhar crítico do autor em relação às posturas adotadas na Pós-graduação, que provocam a cisão da Geografia humana. Dessa forma, apresentamos uma proposta integrada de Geografia humana, como um sentido/saber docente do autor, para a consolidação da prática docente sobre uma Geografia humana pós-funcionalista.

A discussão do trabalho se assenta na experiência da formação continuada do autor da pesquisa (relatos de duas respectivas aulas da disciplina “Epistemologia da Geografia” do Mestrado em geografia/UFAM); como também na produção de sentidos/saber docente (leitura crítica-reflexiva da Geografia humana a partir das aulas); e na postura docente (criação da identidade profissional) fundamentada numa Geografia humana pós-funcionalista. A figura (01) abaixo, demonstra em mapa conceitual a estrutura da proposta da pesquisa.

Figura 1 - Mapa Conceitual Estruturante da Pesquisa



Fonte: O Autor (2021).

A primeira aula apresentada nesse breve artigo, a aula da Dra. Amélia Nogueira, abordou a fenomenologia no âmbito da Geografia e a segunda, a aula do Dr. José Aldemir, apresentou-nos a teoria triádica de espaço de Henri Lefebvre, para assim pensarmos uma Geografia humana integrada nas bases epistêmicas da Pós-graduação em Geografia, uma discussão necessária, como sentido/saber docente do autor da pesquisa, para uma visão pós-funcionalista materialista-fenomênica em detrimento de uma Geografia fragmentada em perpetuação. Dessa forma concordamos com Morin (2002) quando salienta que o pensamento paradigmático (teorias específicas) é uma forma de controle do conhecimento e o mesmo propõe que a educação do futuro deva ser posta sem paradigmas, deve ser construída pelo todo (complexo) e não por partes. “O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade.” (MORIN, 2002, p. 38).

COMPREENDENDO A VISÃO HUMANÍSTICA DE ESPAÇO (VIVIDO): RELATO DE UMA AULA

A aula ministrada pela docente Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira, na seguinte data 09 de Maio de 2018, procurou demarcar teoricamente o campo da fenomenologia na Geografia, bem como, seu foco como método de abordagem geográfica. A docente fundamentou-se na obra de Eric Dardel (2011), intitulada “O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica” e também no texto de sua própria autoria, intitulado “Uma Interpretação fenomenológica na Geografia”, publicado em 2005, para ministrar sua aula expositiva.

A aula expositiva da docente iniciou a partir das contribuições de Dardel (2011) em relação ao papel da fenomenologia como método de abordagem, em uma perspectiva histórica, ou seja, enfatizando o surgimento dos estudos fenomenológicos e como esta linha de pensamento foi adotada pelos geógrafos, em meados da década de 1950. A abordagem fenomenológica na Geografia surge em resposta às abordagens naturalistas e funcionalistas da Geografia, procurando entender outra relação homem-lugar, a partir do vivido. Merleau-Ponty foi um dos principais teóricos da abordagem fenomenológica, elencando que a ciência é constituída sobre o mundo do vivido. Nesse contexto, a Geografia passou a adotar uma visão pós-funcionalista, a chamada

“Geografia humanística”, cujo foco era perceber e descrever os fenômenos experienciados pelos homens no mundo que vivem. Segundo Merleau-Ponty (1999),

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1 – grifos do autor).

Dardel (2011) destaca que a Geografia fenomênica busca focar no homem, cuja realidade geográfica é aquela onde ele está, onde cresceu, onde vive, identificando experiências “não-científicas”, experiências de quem as vive, que se percebe e constrói os lugares. Para tanto, Dardel (2011) elenca que se trata então de perceber o amor ao solo natal, uma relação subjetiva e concreta entre homem e terra, a geograficidade do homem como modo de sua existência e de seu destino. A realidade geográfica, nesse contexto, convida o homem a dar um tipo de animação e de fisionomia em sua experiência humana, interior/individual ou social.

A fenomenologia é, portanto, a tentativa de perceber e descrever nossa experiência sobre os lugares tal como ela se apresenta, pensar a terra, o lugar, a partir da percepção de quem vive, é o estudo da construção do mundo – a fenomenologia pensa o sujeito enquanto ser-no-mundo. A terra então é o lugar da percepção de quem a habita, sendo o espaço geográfico a junção de cinco formas, as quais, para Dardel (2011) formam o espaço geográfico juntamente com os espaços da imaginação e da projeção. As cinco formas são: espaço natural ou substancial, espaço telúrico, espaço aquático, espaço do ar e espaço construído (DARDEL, 2011). Nesse momento da discussão, Amélia apontou que a fenomenologia busca estudar o mundo vivido, valorizando todas as experiências imaginárias e concretas do homem com este mundo e este mundo passa a existir a partir da inserção do homem nele, como ser-no-mundo.

Na perspectiva de Dardel (2011), o lugar é mais do que uma localização, é o espaço onde estão alocadas as pessoas, é o lugar, é a extensão da existência humana. E a fenomenologia é justamente o olhar analítico focado em reaprender a ver o mundo

que é experimentado (lugar), a narração de histórias com profundidade, as experiências, os sentimentos, entrar em diálogo, convidar o sujeito para se revelar em seus próprios termos.

No texto de autoria própria, Amélia Nogueira (2005) elenca os princípios que orientam o pensamento fenomênico, que são: descrição, intencionalidade, geograficidade e intersubjetividade.

- a) Descrição: descrever o vivido, onde o físico/humano são elementos percebidos, é descrever quem vive o fenômeno;
- b) Intencionalidade: sujeito como foco, cada indivíduo é o foco de seu próprio mundo;
- c) Geograficidade: conhecimentos que afloram de conjuntos de relações entre o homem e a terra, o homem e o mundo (espaço, paisagens – construídas ou naturais) como lugar de vida;
- d) Intersubjetividade: situação herdada do cotidiano, é pensar e perceber a terra, o lugar, a partir das percepções de quem a vive. Espaço de vida (lugar de vida) revelam a existência do homem – existência em relação.

O espaço na visão fenomênica é mais do que palco dos acontecimentos, ele é o meio pelo qual as coisas se tornam possíveis, isto é, é algo além da matéria, ele é vivido, experienciado, é lugar de vida. Por essa razão, que Amélia Nogueira destacou na aula, a partir de seu ensaio teórico de (2005) as três concepções de espaço na visão fenomênica de Merleau-Ponty (1994): (1) espaço espacializado – espaço físico; (2) espaço espacializante – espaço vivido por um sujeito que o trace, espaço traçado, geométrico e (3) experiência do espaço – relação do corpo com o mundo e com os outros corpos a partir da intersubjetividade. Amélia Regina, portanto, deixa bem demarcado o campo da fenomenologia e seu papel na Geografia, de entender a Geografia dos homens a partir do vivido, analisar as representações sociais de mundo e de lugares, conhecimentos concretos, fenomenologia é a ciência que analisa o ser-no-mundo (NOGUEIRA, 2005).

HENRI LEFEBVRE E A CONCEPÇÃO TRIÁDICA DE ESPAÇO: SÍNTESE DE UMA AULA

A aula ministrada pelo Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira [*in memoriam*] na seguinte data 16 de Maio de 2018, procurou expor a teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre, a qual enfatiza o espaço como um produto dialético da sociedade. A aula expositiva ministrada pelo docente fundamentou-se no texto intitulado “A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética Tridimensional” do autor Christian Schmid, traduzido e publicado no Brasil em 2012.

A teoria da produção do espaço de Lefebvre surge num contexto acadêmico em que pouco se falava sobre o espaço, em meados da década de 1970. A produção do espaço é interpretada de forma triádica, fundamentada nas concepções teóricas de Marx, Hegel, Nietzsche e Merleau-Ponty. Para Lefebvre, o espaço é uma realidade social, fruto da tríade dialética da sociedade (matéria, linguagem e sentidos). Nesse contexto, o autor destaca que espaço não existe “em si”, isto é, ele é produzido. Por essa razão, ele é fruto da dinâmica social dialética, espaço “para si” (SCHMID, 2012).

A visão triádica do espaço se dá primeiramente a partir da dialética tridimensional alemã composta por Hegel, Marx, Nietzsche, continuando com Nietzsche com a teoria da linguagem e finalizando com Merleau-Ponty com a fenomenologia, para descrever o intercâmbio da sociedade em gerar a materialidade e os simbolismos do espaço produzido (SCHMID, 2012).

Conforme Schmid (2012) para Lefebvre a dialética é o reconhecimento da contradição da realidade social e sua compreensão por meio dessa contradição, negações entre classes sociais. Essa contradição/negação é entendida a partir do termo suprassunção (ação), que significa preservação e superação. A negação então é suprimida, sofre uma preservação em seu sentido puro e uma transformação, isto é, uma superação para o seu desenvolvimento. Isso significa afirmar que a compreensão da negação é superada porque não absorve ideais externos, é preservada e por isso torna-se uma suposição, não erguendo-se como uma verdade, uma afirmação. A afirmação significa uma posição falsa, porque visa se tornar uma verdade absoluta, diferente da suposição que é algo incerto. Assim o processo histórico dialético se dá sob processos de negação, superados por outras formas de negação, pois, uma negação

nunca deve ser entendida como verdade absoluta. As classes sociais negam-se umas às outras, como suposições de negação e superação, de forma histórica. Dessa forma, existe a primeira negação, uma classe que nega a outra e a classe negada que nega a sua negação (negação e negação da negação) – a dialética, a negação-superação do velho pelo novo, de uma classe sobre a outra, de uma ideia ou palavra sobre outra.

Para tanto, a dialética materialista, como expõe Marx, é a compreensão do conflitivo e histórico processo material da produção do espaço social, espaço humano, é a compreensão dos embates sociais que se materializam no processo de produção do espaço. Esse espaço social (material-dialético) é produzido numa dinâmica temporal, pois, o espaço é a “ordem sincrônica” dos acontecimentos, enquanto o tempo é a “ordem diacrônica” (o espaço está no tempo e o tempo no espaço). Nesse sentido, a dialética além de ser prática social (matéria) com base em Marx, é também linguagem e pensamento (idealismo) segundo Hegel, mas como ato criativo e poético (arte cotidiana dos sujeitos com as palavras, falada ou escrita), que por conseguinte integra a linguagem das representações conforme Nietzsche, sendo também fenomenológica (vivido) conforme Merleau-Ponty (SCHMID, 2012). Dessa forma, entendemos no decorrer das explicações de José Ademir que o processo da produção do espaço dialético é triádico, explicado pela dialética tridimensional (matéria, ideias, palavras), pela teoria da linguagem e pela fenomenologia.

Nesse contexto, a segunda orientação teórica que fundamenta a teoria da produção do espaço dialético de Lefebvre, após a discussão da dialética tridimensional alemã materialista-idealista-comunicativa é a chamada teoria da linguagem, de Nietzsche. Essa teoria elenca a atividade humana estabelecida sobre o espaço a partir de um sistema de palavras. O problema da linguagem, na visão de Nietzsche se dá a partir da palavra falada e por ligar significados de valor e conhecimento com o poder. Para tanto, a materialidade do espaço é acompanhada de um sistema de comunicação, de linguagens, de palavras que a regem, escritas ou faladas (SCHMID, 2012).

A partir da teoria da linguagem, Lefebvre postula seu primeiro conjunto de conceitos que alimentam sua teoria, que são as noções de “prática espacial”, “representação do espaço” e “espaços de representações”, que traduzem a produção

do espaço (e tempo) social para além de um fator material, ou seja, “[...] os seres humanos em sua corporeidade e sensualidade, sua sensibilidade e imaginação, seus pensamentos e suas ideologias; seres humanos que entram em relações entre si por meio de suas atividades e práticas” (SCHMID, 2012, [s/p]). Nesse momento da aula, José Aldemir caracteriza o primeiro conjunto de conceitos da teoria de Lefebvre:

- a) Prática espacial: dimensão material da atividade e interação social (análoga com a linguagem), diz respeito ao sistema que origina da interação e conexão de elementos ou atividades da sociedade;
- b) Representação do espaço: significa a reapresentação que dá imagem e que também define o espaço. As representações do espaço são análogas à linguagem (discurso, fala, formas verbalizadas, descrições, definições e teoria (científicas) do espaço;
- c) Espaços de representações: dimensão simbólica do espaço, é a percepção imaginária do espaço (um poder divino, por exemplo). É o processo de significação da produção do espaço ligado aos símbolos (imateriais) (SCHMID, 2012).

A terceira base teórica que se fundamenta a teoria de Lefebvre após a teoria das materialidades-ideias-linguagem é a fenomenologia francesa de Merleau-Ponty. Lefebvre procurou entender as percepções imateriais e materiais do espaço vivido da sociedade, para tanto, buscou na percepção e no conceito de espaço vivido (princípios da fenomenologia) entender a sociedade no ato de produzir o espaço. Para isso, construiu seu segundo conjunto de conceitos de orientação fenomenológica, que são: “espaço percebido”, “espaço concebido” e “espaço vivido” (SCHMID, 2012).

- a) Espaço percebido: a percepção do concreto, além do material, perceber o espaço produzido a partir dos sentidos humanos (audição, olfato, paladar, tato e visão);
- b) Espaço concebido: o espaço imaginado pela sociedade, antes de ser percebido;
- c) Espaço vivido: a experiência de viver no mundo, experimentar o mundo (espaço) na prática da vida cotidiana humana.

José Aldemir, portanto, demarcou bem na aula expositiva a visão triádica do espaço de Lefebvre, elencando que a contribuição do filósofo possibilitou um avanço para além do “marxismo estreito” e das limitações da clássica crítica da economia política. A visão de Lefebvre é conjunta (as três visões – a dialética materialista/idealista/comunicativa; a linguagem e a fenomenologia francesa), nunca de forma independente, as três concepções da produção do espaço são analisadas sempre interconectadas dialeticamente (tríade dialética do homem) (SCHMID, 2012).

ENSAIANDO CONSIDERAÇÕES

A partir dos relatos da experiência de aprendizagem, das histórias de vida do autor deste trabalho no curso de Mestrado em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), propomos aqui algumas considerações a respeito das concepções epistemológicas da Geografia na contemporaneidade, como sentido/saber docente construído na experiência estudantil, o que incide também em repensar a formação continuada de professores em nível de Mestrado e Doutorado de uma forma menos fragmentada/paradigmática. A experiência de formação do autor da pesquisa possibilitou refletir criticamente as atuais posturas tradicionais adotadas pelos docentes nos cursos de formação continuada em Geografia, em relação à Geografia humana, isto é, as atuais propostas teórico-metodológicas influenciam na cisão dessa Geografia humana. Entendemos que a formação continuada é o momento no qual o professor cria sua identidade profissional e a adequa as novas exigências, percebidas ao longo do tempo nos cursos de formação continuada. Essas exigências são os sentidos/saberes docentes construídos, que refletem na prática profissional (CABRAL; BASTOS, 2019). As aulas aqui relatadas possibilitaram interpretar a Geografia humana de forma mais completa e menos fragmentada, como saber docente para uma prática docente.

Senão vejamos, o pensamento geográfico é historicamente dividido entre Geografia física e Geografia humana e, a partir da década de 1950, a própria Geografia humana vem sendo dividida, dando espaço à Geografia humanística. A concepção naturalista fora contestada pela concepção crítica-materialista, bem como esta última fora questionada pela visão fenomenológica. A constituição do que entendemos como

Geografia humana crítica especificamente no Brasil, tem Milton Santos como grande contribuidor, o autor nos possibilitou rever essa Geografia humana, nos dando bases teóricas para pensar e compreender o mundo e suas desigualdades (SANTOS, 1990).

Santos (1990) elenca que as desigualdades contidas nos processos de materialidades nos espaços, deveriam ser observadas e entendidas pelo geógrafo a partir de um objeto, o espaço, que seria um sistema de objetos e ações. Aqui vemos a grande influência da literatura marxiana (escritos de Marx) na concepção de espaço de Milton Santos, bem como a constituição de uma linguagem funcional. Como destaca Claval (2004), a Geografia humana enfoca nas análises das relações que se estabelecem entre os grupos humanos com os ecossistemas dos espaços onde vivem. Essa mesma Geografia humana que fora criticada nos anos 1950, por ignorar as vivências dos homens sobre o espaço geográfico e as representações e percepções destes homens sobre seus lugares de morada.

Dessa forma, compreendemos que houve e ainda ocorre uma espécie de cisão na Geografia humana, principalmente quando nos reportamos às bases epistemológicas de pesquisa, que também influencia no ensino na Pós-graduação. A Geografia humana crítica se fundamenta no método materialista histórico, enquanto que a Geografia humanística se fundamenta na fenomenologia, principalmente nas contribuições do Francês Maurice Merleau-Ponty, como na obra “Fenomenologia da percepção” (1999). Conforme Minayo (2018), podemos destacar que são duas propostas metodológicas de pesquisa, a primeira é a materialista-dialética e a última é a sociologia compreensivista. Conforme Marx e Engels (2009) podemos entender essa visão materialista-dialética, visto que exclamam que a produção das ideias, das representações e das consciências estão ligadas primeiramente com a produção das matérias e o intercâmbio dos homens, a linguagem da vida real. Enquanto que para Merleau-Ponty, que caracteriza o compreensivismo, viver no espaço é uma experiência, que aflora do corpo, uma percepção daquilo que se vive, corporeidade, fenômeno do vivido (NÓBREGA, 2008).

Esses pontos de partida epistemológicos na Geografia humana, materialista e fenomenológico, acabam sendo vistos como propostas metodológicas de pesquisa distintas (paradigmas), alimentando essa divisão epistêmica da geografia. Por essa razão

que é importante discutir a necessidade de pensar uma Geografia humana integrada. Marx (2008), no livro “Contribuição à crítica da economia política” destaca os objetivos de seu pensamento filosófico a partir do método materialista histórico, que é tocar a sociedade, explicando a consciência pelas contradições da vida material. O objetivo era tocar a sociedade por meio de uma crítica social ao capitalismo industrial, fomentando a revolução proletária para constituir a sociedade comunista. Poucos foram os marxistas que compreenderam a filosofia marxiana, o fator econômico nunca foi ponto de partida, mas sim de chegada.

Henri Lefebvre foi um dos poucos marxistas que realmente continuaram os ideais marxianos, que não se prendiam puramente ao fator econômico. Podemos perceber isso na sua concepção triádica de espaço dialético. Isto é, a sua crítica social, as contribuições para uma mobilização social ou revolução, não se prendem somente nas contradições socioeconômicas (materialidades do espaço), passa também pela linguagem, discursos e formas de se comunicar, bem como as percepções de mundo na constituição da consciência de classe/identidades. Na aula de José Aldemir, foi muito bem colocada essa leitura do espaço numa visão material-simbólica integrando visões de Marx-Hegel, Nietzsche e Merleau-Ponty, a partir das tríades do pensamento lefebvriano como prática espacial (produção material); representações do espaço (entender o espaço em discursos, linguagem representada); espaços de representações (percepção imaginária do espaço). Bem como as tríades: prática espacial (produção material); espaço concebido (espaço imaginado); espaço vivido (experiência de viver de fato no espaço) (SCHMID, 2012).

Schmid (2012) destaca essas tríades como “tríades dialéticas do homem”, nos possibilitando entender que, no pensamento filosófico lefebvriano, o espaço é interpretado como uma dimensão geográfica em totalidade, não aquela pensada por Milton Santos, mas a qual se caracteriza em aspectos materiais e imateriais como partes de uma mesma análise, um pensamento integrado de espaço humano construído em diferentes tempos, por isso é histórico. Nesse contexto, destacamos aqui o quão importantes foram as aulas ministradas pelos docentes do curso de Mestrado em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em 2018, pois possibilitaram

pensar uma Geografia humana integrada a partir de suas postulações. Dessa forma, podemos entender que as aulas de Amélia Nogueira e José Aldemir se complementam, no sentido de pensar uma Geografia humana que compreenda o espaço humano de forma complexa e não dividida epistemologicamente. A partir da concepção triádica de espaço de Lefebvre, é possível compreender o espaço num campo material e idealista. E concorda Claval (2004), ao destacar que Henri Lefebvre rompe com a visão ortodoxa marxista, focando também nas representações mentais do espaço a partir da matéria e do social.

Nessa linha de raciocínio, nas pesquisas em Geografia humana assim como no processo da formação continuada como um todo, poderemos nos debruçar nas concepções teóricas-metodológicas marxianas e marxistas (como Milton Santos), entendendo o espaço a partir da produção dialética material, bem como nas concepções fenomenológicas, isto é, um estudo materialista-compreensivista, abordando também os princípios que orientam o pensamento fenomênico, como posto na aula de Amélia, como a descrição (do vivido); intencionalidade (sujeito como foco); geograficidade (conhecimento de mundo, do vivido); intersubjetividade (situações herdadas do cotidiano, pensar e perceber o espaço). Sem esquecer da tríade de Merleau-Ponty destacada pela professora, a qual caracteriza o espaço especializado (espaço físico); espaço espacializante (espaço vivido, traçado); experiência espaço (relação do corpo/sujeito com o espaço). O espaço então é compreendido como espaço da matéria, da projeção e da imaginação (DARDEL, 2011; NOGUEIRA, 2005).

A Geografia humana, portanto, deve ser integrada, uma Geografia completa (síntese de conceitos), pós-funcionalista material-fenomênica, formando assim professores-pesquisadores de Geografia em totalidade e não uma formação continuada de metades, para constituir posturas/práticas docentes críticas e de pesquisa fundamentadas na complexidade do real, do espaço humano dinâmico. O conhecimento geográfico deve ser tecido sob o princípio da complexidade (MORIN, 2002).

REFERÊNCIAS

CABRAL. G, R.; BASTOS. R, S. Ser professor, saberes docentes e fazer pedagógico: constituição da identidade docente a partir da formação continuada. *In*: MORETTO. M. (Org.). **Discussões sobre a formação docente**: da inicial à continuada. (Coleção educação, volume 2) – Jundiaí [SP]: Paco editorial, 2019. p. 23-42.

CLAVAL. P. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. *In*: MENDONÇA. F.; KOZEL. S. (Org.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. [revisão de texto Maria José Fernandes Naime]. – [Curitiba] : Ed. da UFPR, 2002, Reimpressão 2004. p. 11-43.

DARDEL. E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução: Werther Holzer. – São Paulo: Perspectiva, 2011.

LIMA. M, G, S, B. Autobiografias de professores e formação: releitura de uma tese. *In*: MENDES SOBRINHO. J, A, C.; LIMA. M, G, S, B. (Org.). **Formação, prática pedagógica e pesquisa em educação**: retratos e relatos. – Teresina: EDUFPI, 2011. p. 33-53.

MARX. K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. – 2. Ed. – São Paulo : Expressão popular, 2008.

MARX.K.; ENGELS. F. **A ideologia alemã**. Tradução de Álvaro de Pina. -1. ed. – São Paulo : Expressão Popular, 2009.

MERLEAU-PONTY. M. **Fenomenologia da percepção**. [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. – 2 – ed. – São Paulo : Martins Fontes, 1999.

MINAYO. M, C, S. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO. M, C, S.; DESLANDES. S, F.; GOMES. R. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2016. p. 9-28.

MOREIRA. R. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense. – (Coleção Primeiros Passos: 48), 8ª reimp. 14ª edição, 2006.

MORIN. E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora f. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 5. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2002.

NÓBREGA. T, P. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, 2008, 13(2), 141-148.

NOGUEIRA. A, R, B. Uma interpretação fenomenológica na geografia. *In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina* – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo-SP. p. 10243-10262.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. – 3ª Ed. Editora Hucitec, São Paulo, 1990.

SCHMID. C. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. Tradução: Marta Inês Medeiros Marques e Marcelo Barreto. **GEOUSP – espaço e tempo**, São Paulo, nº 32, p. 89 – 109, 2012.

Julian Islan Martins rodrigues - Graduado em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Especialista em Investigações Educacionais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Mestrando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Graduando em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Parecerista de periódico, na Revista Tocantinense de Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT-Campus Araguaína). Atua nas respectivas áreas: Educação, Cultura e Geografia; Geografia e Direito Agrário e Ambiental; Território e Territorialidades Específicas de Povos e Comunidades Tradicionais; Conflitos Territoriais/Socioambientais na Amazônia.

Recebido para publicação em 26 de abril de 2021.

Aceito para publicação em 20 de dezembro de 2021.

Publicado em 03 de janeiro de 2022.